

Rio, pipa, poço e cisterna: o caminho das águas às casas das famílias no semiárido mineiro



Neucy dos Santos, quilombola, ao lado do marido e filhas

Das cacimbas feitas nas beiras dos rios até as tecnologias de convivência com o semiárido, foi um longo caminho para que as famílias da comunidade quilombola de Santos Reis, município de Francisco Sá, pudessem ter acesso à água de qualidade.

Na propriedade em que cria alguns animais, planta milho, mandioca, andu, abóbora e variedades de feijão, Neucy dos Santos, trabalhadora rural, diretora do STR de Francisco Sá e primeira secretária da Associação comunitária, conta a história que viveu para produzir alimentos saudáveis, ter água para consumo e cuidado animal.

Houve um tempo em que não se fal-

tava água nos rios, até mesmo na época da seca, as famílias viviam com a água que corria nos córregos em um período em que não se sofria com a falta de chuva. Nos anos de 1998 às famílias usavam a água das cacimbas para produzir e consumir.

Ao longo dos anos, com o desmatamento das nascentes e encostas, os rios sofreram assoreamento, e o bem mais necessário para a vida começou a chegar para a comunidade em caminhões pipas. As famílias andavam um quilometro ou até mais com as latas e baldes na cabeça, mas apenas essa água não era suficiente, pois só era disponibilizada de 8 em 8 dias. Neucy também

relembrou os momentos de dificuldade que passaram, até que a Associação Comunitária local, que foi criada no ano de 2011, conseguisse instalar, através de um projeto, um poço tubular para fornecer água para o consumo das pessoas que viviam na comunidade. Mesmo com a nova fonte de água, as famílias de Santos Reis sofriam com a escassez, pois não era possível atingir todas as casas e a água vinda do poço não era suficiente.

Foi então que, no ano de 2014, a convivência com o semiárido se tornou mais amena na comunidade; primeiro com a chegada do projeto P1MC (Programa um Milhão de Cisternas), que possibilitou água potável para o consumo das famílias, e, depois, em 2016 com a chegada do P1+2 (Programa Uma Terra e Duas Águas), que além de possibilitar o consumo de água para as pessoas, garantiu água para o cuidado com as plantações e cuidado animal, além de haver garantido a segurança alimentar das famílias, incentivando uma produção sem o uso de agrotóxicos.

Com a produção de alimentos na propriedade, as famílias não precisam mais comprar os seus alimentos, podendo produzir itens necessários para a sobrevivência do seu próprio quintal. Essas tecnologias que têm garantido a permanência das famílias em suas comunidades, é o que conta o coordenador do projeto, Alisson Maciel. Para ele, boa parte delas têm se mantido em suas propriedades graças à primeira água, pois essa é a única fonte. Já a segunda abre uma outra perspectiva de convivência com o semiárido para essas famílias, principalmente no que diz respeito à sua segurança alimentar e nutricional.

Hoje, Neucy dos Santos já vê os resultados dos programas desenvolvidos pela Articulação do Semiárido – ASA. Ela contou que foi nos anos 2000 que a seca se tornou mais rígida, as plantações começavam a crescer com as chuvas rápidas, mas logo que o sol forte do sertão mineiro surgia,

“

Podemos plantar nossas hortas estou com o meu projeto montado, assim como outras famílias da comunidade. Vou aumentar minha produção e produzir alimento saudável sem agrotóxico - Neucy dos Santos, trabalhadora rural

”



todo plantio era devastado. Agora, o cenário é diferente, com as cisternas, e os projetos de produção sustentável, as famílias podem plantar e cuidar das suas hortas, aumentar sua produção e produzir alimento saudável sem o uso de agrotóxico.